

LEIA MULHERES REALEZA: A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA CRÍTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Iara Maria Adriano¹
Thaís Mendes da Purificação²
Daiana Fernanda Motta³
Ediely Maytan Freire Rodrigues⁴
Ana Carolina Teixeira Pinto⁵

INTRODUÇÃO

Os clubes de leitura contemporâneos possuem raízes históricas nos grupos de estudos bíblicos puritanos e nos salões literários franceses dos séculos XVII e XVIII, espaços muitas vezes liderados por mulheres brancas de classes média e alta (Sergel, 2023). Embora inicialmente elitizados, esses espaços já articulavam formas de resistência e agência feminina por meio da leitura. No século XXI, com o advento das mídias digitais, os clubes de leitura passaram por uma reconfiguração, ganhando maior projeção pública com iniciativas como o *Oprah's Book Club*, que impactou significativamente o mercado editorial e a recepção de obras por leitores comuns, e o *Our Shared Shelf*, de Emma Watson, vinculando a leitura a questões sociais, políticas e de gênero (Sergel, 2023).

No Brasil, embora as pesquisas ainda sejam escassas (Figueiredo, 2017), observa-se uma crescente expansão de clubes de leitura, tanto presenciais quanto virtuais. Essas iniciativas se afirmam como espaços coletivos de construção de saberes, de formação leitora e de reflexão crítica sobre temas contemporâneos, permitindo a construção de uma identidade leitora crítica e engajada. Um dos projetos de maior destaque nesse cenário é o *Leia Mulheres*, fundado em 2015 por Juliana Gomes, Michelle Henriques e Fernanda Rodrigues, que promove a valorização de autoras e o debate sobre as representações de gênero na literatura, além de problematizar questões sociais por meio da leitura.

É nesse movimento que se insere o clube *Leia Mulheres Realeza*, criado em 2023 sob a mediação da professora doutora Ana Carolina Teixeira Pinto, docente do curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Com encontros mensais realizados em diversos espaços da cidade, como a Universidade, o Lago Municipal e a Casa da Cultura, o clube reúne majoritariamente acadêmicos do curso de Letras, interessados na mediação da leitura, na formação literária e na leitura de obras escritas por mulheres. Vinculado ao projeto de extensão “Joaninha ou o que

1 Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - *Campus* Cascavel, PR, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). iaramaria108@gmail.com

2 Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - *Campus* Cascavel, PR, Brasil. thaismendespuri@gmail.com

3 Acadêmica do Curso de Letras – 3ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). – *Campus* Realeza, PR, Brasil. dickeldaiana13@gmail.com

4 Acadêmica do Curso de Letras - 3º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). – *Campus* Realeza, PR, Brasil. ediely.freire28@gmail.com

5 Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Profa. do Curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Realeza, PR, Brasil. anacarolina.pinto@uffs.edu.br

é?”, da UFFS, o clube tem se configurado como uma prática de letramento literário crítica, afetiva e coletiva, que tensiona o papel do futuro professor-leitor.

Este estudo se propõe a refletir sobre a leitura literária como prática crítica na formação docente inicial, a partir da experiência do clube *Leia Mulheres Realeza* de fevereiro a abril de 2025. A problematização da pesquisa surge da questão: de que maneira a mediação da leitura de autoria feminina, em um espaço extraescolar, contribui para a construção de repertórios literários e o fortalecimento da escuta, argumentação e reflexão crítica dos participantes? O objetivo geral do trabalho é compreender como a participação no clube de leitura contribui para a formação de uma prática docente engajada, baseada na leitura literária crítica, e como essa vivência se traduz na problematização de temas sociais e na construção de competências essenciais para o exercício da docência.

A justificativa para a realização deste estudo reside na necessidade de promover uma reflexão sobre o papel da leitura crítica no processo formativo de futuros docentes, considerando que, para além do aprendizado técnico, a leitura deve ser encarada como uma prática social, estética e política, fundamental para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade. O estudo se insere no campo dos estudos literários, com ênfase nas interfaces entre literatura e formação de professores, reconhecendo que a leitura literária de autoria feminina pode ser um potente meio de transformação do pensamento crítico dos futuros docentes.

Os livros discutidos no clube de Realeza no primeiro semestre de 2025 foram: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020) de Conceição Evaristo, *A Vegetariana* (2018) de Han Kang, e *A Solitária* (2022) de Eliane Alves Cruz. Cada uma dessas obras, à sua maneira, promove deslocamentos nos modos de ler e ensinar literatura.

A pesquisa, portanto, visa analisar como a mediação crítica da leitura no clube *Leia Mulheres Realeza* pode contribuir para a formação leitora e docente, ao mesmo tempo em que amplia o acesso a obras de autoria feminina nas escolas e na sociedade.

1 METODOLOGIA

A pesquisa tem uma natureza qualitativa, com abordagem teórica e caráter exploratório, com o objetivo de refletir sobre o clube de *leitura Leia Mulheres Realeza* como espaço de formação leitora crítica, especialmente para futuros docentes. A metodologia adotada foi a observação participante, na qual estivemos presente nos encontros realizados entre fevereiro e abril de 2025, acompanhando as discussões sobre as obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020) de Conceição Evaristo, *A Vegetariana* (2018) de Han Kang e *A Solitária* (2022) de Eliane Alves Cruz.

A análise dos dados seguiu uma abordagem dialógica e crítica, fundamentada em Paulo Freire (1989), que vê a leitura como prática de liberdade, e em Teresa Colomer (2007), que destaca a importância da mediação na formação de leitores. A pesquisa foi guiada pelo método dialético e comparativo, que buscou compreender como as discussões sobre essas obras contribuem para a formação de repertórios literários, a problematização de temas sociais e o fortalecimento das competências de escuta e argumentação, fundamentais para o exercício docente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A análise do referencial teórico fundamenta-se na leitura literária como prática crítica, cultural e política. De acordo com bell hooks (2013), ler criticamente obras de autoras mulheres – em especial, mulheres negras – representa um movimento de resistência e descolonização do pensamento, pois permite que sujeitos historicamente silenciados encontrem representatividade e reconheçam suas experiências nas narrativas literárias.

Essa leitura engajada também é abordada por Bárbara Carine (2025), que propõe a valorização de epistemologias femininas e negras, enfatizando a necessidade de ruptura com o modelo eurocêntrico de produção do saber. Carine destaca que a leitura de mulheres que escrevem a partir da oralidade e da experiência cotidiana oferece um outro modo de intelectualidade, que se constrói nas margens e resiste à exclusão dos espaços formais de conhecimento.

A importância da mediação crítica, particularmente nos clubes de leitura, é discutida por Pacheco (2019), que defende a ideia de que esses espaços são fundamentais para a escuta ativa e o compartilhamento, onde a experiência estética é entrelaçada com afetividade e reflexão coletiva. Para Pacheco (2019), a leitura se torna mais potente quando compartilhada, pois o significado não está apenas no texto, mas na troca de perspectivas entre os leitores. Essa dinâmica coletiva promove deslocamentos de perspectiva, ampliando o repertório crítico dos participantes.

Esses deslocamentos de perspectiva são evidenciados nos encontros do clube *Leia Mulheres Realeza*, que, até o mês de abril de 2025, discutiu três obras que desafiam os modos tradicionais de leitura e ensino literário: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020) de Conceição Evaristo, *A Vegetariana* (2018) de Han Kang e *A Solitária* (2022) de Eliane Alves Cruz. Cada uma dessas leituras tensiona o cânone literário e propõe a escuta de vozes dissidentes.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres, com sua escrita afropoética, coloca em destaque o protagonismo de mulheres negras e suas múltiplas formas de resistência, inserindo-se na tradição da escrevivência e convocando os leitores a confrontar a violência simbólica e real que atravessa as vidas de mulheres negras brasileiras. Já *A Vegetariana*, romance sul-coreano vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2024, provoca debates sobre corporalidade, loucura e resistência ao patriarcado, desafiando os leitores a reconsiderarem padrões de normalidade e controle. Por sua vez, *A Solitária* reconta, sob a ótica feminina e negra, uma narrativa de sobrevivência urbana, memória e ancestralidade, deslocando o olhar hegemônico sobre os centros urbanos e suas histórias.

Essas leituras têm proporcionado aos participantes, especialmente aos futuros docentes, reflexões críticas sobre o currículo escolar, os modos de mediação e as escolhas literárias na sala de aula. A escuta atenta às vozes femininas e periféricas tem incentivado a incorporação de novas abordagens didáticas e uma maior sensibilidade às narrativas marginalizadas.

Nesse contexto, os clubes de leitura se firmam como dispositivos de mediação literária e resistência cultural. Figueiredo (2017) observa que os clubes de leitura, especialmente os protagonizados por mulheres, desempenham um papel central na formação crítica e política de seus participantes, funcionando como espaços de escuta e reconstrução de identidades. Para Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, sugerindo que o contato com obras literárias pode favorecer a construção de uma identidade leitora crítica e engajada, ancorada nas realidades dos sujeitos.

Ademais, o gesto de “levantar a cabeça” durante a leitura, proposto por Barthes (2004), é convocado como metáfora para o ato de refletir criticamente sobre o texto. Para Barthes, a leitura que provoca suspensão – aquele momento em que o leitor para e pensa – sinaliza que há algo a ser elaborado. Nos encontros do *Leia Mulheres Realeza*, esse gesto se manifesta nas pausas para escuta, no compartilhamento de impressões e na problematização das temáticas abordadas pelas obras.

Esses autores e as experiências observadas sustentam a ideia de que o clube de leitura é um potente espaço formativo, em que o exercício da escuta, da interpretação e da argumentação se articula ao processo de constituição da identidade docente, especialmente no que diz respeito à leitura literária como prática crítica, política e transformadora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *Leia Mulheres Realeza* tem se consolidado como um espaço de formação contínua e de escuta atenta, destacando-se pela sua natureza política e estética. Ao reunir principalmente acadêmicos do curso de Letras e interessados em literatura escrita por mulheres, o clube se posiciona como um território de resistência, tanto no campo literário quanto social. As discussões promovidas no espaço provocam um reposicionamento da literatura no contexto docente, instigando reflexões sobre currículo, representação e justiça social, tópicos fundamentais na formação de futuros educadores.

Nos encontros, os participantes refletiram profundamente sobre as implicações éticas da leitura, destacando como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa na formação de uma escuta sensível e de uma postura empática — habilidades essenciais para quem se prepara para o exercício da docência. A partilha de sentidos, a mediação realizada por diferentes membros do grupo e a liberdade para se posicionar foram elementos chave que qualificaram a experiência de leitura. Essa dinâmica confirma a visão de bell hooks (2013), que afirma que a leitura é um ato de reconhecimento e libertação, permitindo aos participantes se reconectarem com suas próprias vivências e compreenderem as de outros.

Assim, o clube de leitura revelou-se como um espaço de transição entre o papel de leitor autônomo e o de mediador de leitura, promovendo um deslocamento que é ao mesmo tempo afetivo, cognitivo e político. A leitura, mediada pelo grupo e pelas obras discutidas, não apenas expandiu os horizontes literários dos participantes, mas também operou como uma prática formadora — não apenas no domínio da literatura, mas no desenvolvimento de um olhar sensível às diversidades e silêncios sociais. Essa abordagem ampliou o repertório literário dos participantes e proporcionou novos conhecimentos sobre obras pouco presentes no cenário educacional, incentivando a circulação desses textos nas escolas.

CONCLUSÃO

Acompanhando o clube de leitura *Leia Mulheres Realeza*, observamos que espaços de leitura coletiva desempenham um papel essencial na formação crítica de futuros docentes. As práticas vivenciadas, as obras lidas e as discussões compartilhadas demonstram que a leitura é, além de uma prática literária, um ato de resistência — um meio de abrir fissuras nos discursos hegemônicos e de imaginar outros modos de ser e ensinar.

Mais do que apenas incentivar o gosto pela leitura, a experiência no clube possibilitou um espaço de reflexão crítica sobre o papel do professor-leitor, ressaltando que toda leitura é também uma escolha ética. Nesse processo, a literatura e a formação se entrelaçam, criando um território de escuta, afeto e crítica — elementos imprescindíveis para a construção de uma educação mais sensível, transformadora e, sobretudo, comprometida com as realidades sociais e culturais dos alunos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARINE, Bárbara. **E eu, não sou uma intelectual?** Um quase manual de sobrevivência acadêmica. São Paulo: Planeta, 2025.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CRUZ, Eliane Alves. **A solitária**. São Paulo: Companhia de Letras, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FIGUEIREDO, Jessica Andrade. **Um estudo de caso do conceito de clube do livro a partir de uma obra literária**. 2017. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: [Um estudo de caso do conceito de Clube do Livro a partir de uma obra literária](#). Acesso em: 17 abr. 2025

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KANG, Han. **A Vegetariana**. Trad. Jae Hyung Woo. São Paulo: Todavia, 2018.

PACHECO, Gabriela Barbosa. **Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: encontro sobre Canção de ninar, de Leïla Slimani**. *RuMoRes*, v. 13, n. 26, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/161058>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SERGEL, Caroline. **Um teto todo nosso: Leia Mulheres Cascavel e suas reverberações**. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6925>. Acesso em: 17 abr. 2025.